



## Antes do novo emprego

Informações que o pesquisador deve ter para decidir se migra para a indústria

Mudar de emprego quase nunca é uma decisão simples, em especial se o fator financeiro não for o mais importante. Se o convite partir de uma empresa privada que faz pesquisa e desenvolvimento (P&D) e o profissional convidado for um pesquisador acadêmico, a dúvida pode ser ainda maior. Quais seriam as questões a que o cientista deve estar atento antes de aceitar (ou se candidatar) a fazer ciência na empresa?

O neurocientista Luiz Eugenio Mello conhece bem essa história. Em 2009 ele trocou uma bem-sucedida carreira na Universidade Federal de São Paulo (Unifesp) para implantar o Instituto Tecnológico Vale (ITV), da mineradora Vale.

Para ele, mudar de emprego na área científica tem a ver, principalmente, com os desafios científicos que o novo trabalho oferece. Mas pode ser pelo acesso a equipamentos específicos ou, ainda, por estruturas físicas ou organizacionais melhores. Ele lembra que a transição da academia para a empresa continua muito pouco frequente no Brasil.

A possibilidade de evoluir profissionalmente tem de ser levada em conta, embora isso dependa da idade e do estágio em que o pesquisador se encontra. “Para alguém sênior essa dimensão é menos relevante do que para alguém júnior”, diz. “Mesmo assim, para mim, o convite para trabalhar na Vale, com a abrangência do trabalho

a ser realizado, também endereçava positivamente as dimensões de evolução profissional.”

O tamanho da empresa tem de ser considerado e o pesquisador não deve temer ser apenas mais uma peça na engrenagem. Conseguir um lugar de destaque como pesquisador na indústria depende em boa parte do empenho de cada um, lembra o diretor do ITV. Outro ponto importante é verificar se o trabalho é competitivo, o que não é tão diferente assim do trabalho acadêmico de ponta – na universidade os melhores sempre competem para publicar nas revistas mais importantes e conseguir recursos das agências de fomento.

José Eduardo Pelino, diretor associado de relacionamento científico e profissional da Johnson & Johnson, chama a atenção para uma característica muito animadora do trabalho na indústria: a possibilidade de ver antecipadamente os produtos ou equipamentos que estarão disponíveis no mercado para



Mello, da Vale, e Pelino, da Johnson: empresas também podem proporcionar boas perspectivas de evolução e aprendizagem

## Talentos ocultos

Químico sugere mais apoio aos candidatos a empresário

consumidores e mudar os aspectos e características necessárias de acordo com o público-alvo. Pelino é pós-doutorado em odontologia e trocou a Universidade de São Paulo pela Johnson em 2009. “O processo de P&D de produtos na indústria é bastante dinâmico, com foco específico”, diz ele. “Mas isso está longe de eliminar a colaboração acadêmica na pesquisa dentro da empresa.”

O ambiente que será encontrado no futuro trabalho – algo que deixa meio ansiosos os iniciantes no emprego novo – dá para ser inferido por meio do processo seletivo da empresa. Na Johnson, por exemplo, o candidato conversa com pelo menos oito pessoas diferentes, durante o processo seletivo de entrevistas, antes de qualquer decisão. “Durante esse processo basta ficar bem atento e fazer todas as perguntas necessárias. Com isso dá para sentir se existe pressão, competitividade e liderança.”

Pelino conta que quando decidiu migrar da universidade para a indústria o fator decisivo na escolha foi o tipo de desafio e o impacto que o seu trabalho poderia causar em três esferas: acadêmica, profissional e na do consumidor. “A parte financeira foi importante, porém não decisiva.”

Luiz Mello também preferiu considerar os novos desafios intelectuais que surgiriam com o emprego, mas ele lembra que a vida acadêmica no Brasil ainda tem baixa remuneração, excetuadas as possibilidades de ganho extra em consultórios ou consultorias. “O pesquisador que sai da universidade quer a motivação do desafio profissional e também um bom salário. É preciso buscar o equilíbrio. Não há desafio que resista à inexistência de condições de trabalho”, diz o diretor do ITV.



De 1999 a 2002, durante o curso de química na Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), Gustavo Simões, hoje com 32 anos, comentava com os colegas que

queria ser empresário. Como naquela época – e ainda hoje – a maioria dos cursos das universidades públicas não promovia o empreendedorismo, os colegas achavam que ele tinha perdido o juízo.

“Quase todos queriam alternativas profissionais mais seguras do que ser empresário”, ele se lembra. “Como não existia apoio, ser empreendedor parecia muito difícil e longínquo.”

Simões não desistiu de seu plano. Começou a pós-graduação sob a orientação de Elson Longo no Instituto de Química da Universidade Estadual Paulista (Unesp) de Araraquara e em 2005, no meio do mestrado, resolveu finalmente abrir sua empresa.

“O laboratório de Elson Longo era diferenciado, tinha muito contato com empresas e a oportunidade de desenvolver novos produtos surgiu naturalmente”, ele conta.

Desde 2005, Simões e outros dois químicos, Daniel Minozzi e André Araújo, por meio da nova empresa, a Nanox, em São Carlos, interior paulista, produzem materiais com partículas de prata capazes de eliminar fungos e bactérias.

“O primeiro apoio que recebemos foi por meio de um Pipe da FAPESP”, ele diz. “Aos 24 anos, fui um dos coordenadores mais jovens de um projeto Pipe.” Depois ele recebeu apoio de uma *venture capital*, especializada em empresas de base tecnológica, e financiamentos do governo federal.

Segundo ele, a Nanox está crescendo – tem atualmente 10 funcionários – e planeja para ainda este ano a abertura de uma filial nos Estados Unidos.

Em 10 anos, porém, pouco mudou para os estudantes de graduação que querem abrir sua própria empresa. Aulas de empreendedorismo ainda são raras na universidade – uma delas é oferecida na graduação para estudantes de engenharia na Escola Politécnica da Universidade de São Paulo.

“O ambiente melhorou, existe mais facilidade de acesso a capital de risco, mas as ações de apoio ao empreendedorismo ainda são suspiros no ambiente acadêmico”, observa Simões, que terminou o doutorado em 2009, também com Elson Longo.

Ele acredita que a situação poderia ser diferente se os cursos não pensassem apenas em pesquisa científica e tecnológica, mas também no estímulo à inovação para empresas. “Para ser empreendedor”, ele diz, “é preciso ter apoio, oportunidade e condições para arriscar. Sem isso, ser empresário é loucura ou desespero”.